Preço 1$00 — Quinta-feira, 2 de Agosto de 1956 — Ano II - N.º 73

Semanário

A PROVÍNCIA

INFORMAÇÃO •• CULTURA •• RECREIO

AVENÇA

Proprietário, Administrador e Editor
V. S. MOTTA PINTO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — AV. D. NUNO ÁLVARES PEREIRA - 18 — TELEF. 026 467
MONTIJO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA «GRAFEX» — TELEF. 026 236 — MONTIJO

DIRECTOR
ÁLVARO VALENTE

LUZ QUE SE APAGA

Não queremos deixar de nos associar às homenagens sinceras e comoventes que se têm feito à memória desse extraordinário apóstolo do bem que se chamou Américo Monteiro de Aguiar,

Por ÁLVARO PEREIRA

mais conhecido por Padre Américo.

Os homens hoje em dia andam de tal modo entretidos com as suas preocupações que fàcilmente esquecem as dores e os anseios do semelhante. E quando aparece alguém a desprezar a própria existência para apenas reparar na sorte dos infelizes, todos os olhares, até aí indiferentes, incrédulos até, se voltam curiosos para tão invulgar figura e sentem por ela, ainda que inconscientemente, um misto de respeito e de admiração.

O Padre Américo foi, na nossa terra, essa figura extraordinária que moveu montanhas para criar a obra que tem hoje o seu nome e cujo objectivo supremo foi o de socorrer os rapazes da rua, os deserdados da sorte, os chamados filhos de ninguém e que à miséria voltariam, certamente, se não houvesse aquela alma eleita de Deus a procurar suster a tempo a queda inevitável.

De facto, muitas almas foram salvas pela mão desse homem que em toda a sua vida outra coisa não procurara fazer do que pedir esmolas para socorrer os necessitados, os desprotegidos da sorte, ele, que era o mais rico de vontade e de bondade dos homens do nosso tempo.

A obra do Padre Américo é bem conhecida em Portugal, principalmente por aqueles que de perto se interessam pelos problemas da assistência. Mas essa obra, verdadeiramente notável e modelar, torna-se mais significativa quando se confrontam os esforços que foram necessários suportar para erguer esses monumentos de caridade e de bondade individual, espalhados pelo País.

A sua maior preocupação era desviar dos caminhos do vício e do crime os rapazes da rua. Para ele não havia rapazes maus. Todas essas criaturas, dadas como perdidas, tinham qualquer coisa de seu, de muito íntimo, que era preciso aproveitar e, para isso, tornava-se imperioso socorrê-las, amparà-las, dar-lhes, em suma, um pouco de carinho, de estima, e sobretudo de pão!

E a sua fé jamais foi atraiçoada, felizmente. Dentre tantas canseiras, labutas e dissabores, uma coisa saiu certa e era a melhor recompensa que o Padre Américo mais apreciava: o amor que todos os rapazes lhe dedicavam sincera, abertamente, a tal ponto que era tido por todos como um pai amantíssimo, um verdadeiro e leal Amigo.

Quando se chega quase ao término da jornada e se olha para trás para ver o caminho percorrido, há homens que podem legitimamente dizer que foram o sustentáculo de outras vidas, porque de encontro ao peito cansado, mas não exausto, sentem o calor das lágrimas agradecidas, daquelas lágrimas salvas do desespero, do abandono e da fome!

O Padre Américo sentiu, por certo, esses momentos inolvidáveis e para eles viveu com o fervor das coisas realmente apetecidas. Os seus rapazes foram a maior experiência da sua vida e, ao mesmo tempo, a sua maior glória. Para eles trabalhou incansàvelmente, pedindo à todas as consciências bem formadas o auxílio indispensável, que iria socorrer tantos seres pequeninos que ele sentia, mais do que ninguém, estarem prestes a sossobrar no mar revolto da miséria.

Ele viu que para lá de todas as vaidades, egoísmos e ambições havia uma zona neutra, quase abandonada, mas que poderia ser o farol

(Continua na página 5)

A PROVÍNCIA vai iniciar novas secções

No intuito de espalhar mais cultura, a bem da Humanidade, o nosso jornal *vai iniciar a publicação de novas secções*, entre as quais:

— **Pequenas biografias** e
— **Olha a tua saúde...**

E assim irá consagrando a velha teoria:
Mens sana in corpore sano.

Vamos Restaurar os Pelourinhos do Distrito de Setúbal

Pelo Prof. José Manuel Landeiro

Quem percorrer Portugal de lés a lés, verificará que, devido à boa vontade das Câmaras Municipais, cônscias dos seus deveres cívicos, se têm feito erguer as picotas e pelourinhos, que, estupidamente, devido a uma ignorância crassa, foram, no século XIX, derrubados e lançados por terra, sendo assim vítimas de autênticos iconoclastas.

Os municípios de hoje, com as suas comissões de arqueologia, podem, se isso desejarem, restaurar os seus pelourinhos. As comissões municipais de arqueologia, criadas pelo Código Administrativo, têm um grande e importante papel a desempenhar na conservação e restauração de tudo quanto seja história e arte concelhia.

Comissões municipais de arqueologia há, como a do vizinho concelho de Almada, que estão a trabalhar afanosamente com o fim de levarem a bom termo a missão para que foram criadas. Às Comissões Administrativas de Arqueologia podem também juntar-se as Comissões Municipais de Turismo, que tanto têm contribuído para o conhecimento da terra Lusa.

O conhecimento de Por-

(Continua na página 5)

Crónicas Irrequietas - 28

Superioridades balofas

Eu tolero pouco as superioridades.

Acho-as, quase sempre, demonstrações tolas de cérebros frágeis, — o que a frenologia confirma.

Todavia, tenho que reconhecer certas superioridades, *verbi gratia*: a da inteligência, a da sabedoria, a das faculdades raras.

Perante elas, sem favor de qualquer espécie, curvo-me e reverencio.

Esse reconhecimento, porém, não significa subserviência, nem me obriga a posições acrobáticas.

Significa admiração, significa respeito, significa educação de sentimentos.

Sinto até um grande prazer espiritual em prestar a minha homenagem íntima aos vultos notáveis, aos sábios ilustres, — a todos aqueles cujo valor anda para cima do meu.

E se esses vultos notáveis, esses sábios ilustres, — todos aqueles cujo valor anda para cima do meu —, se afectassem dessa superioridade, eu, embora não gostando da atitude, explicá-la-ia a mim mesmo e achá-la-ia natural e razoável.

Acontece, no entanto, que raramente isso se dá.

No geral dos casos, esses privilegiados intelectuais são duma proverbial modéstia e duma simplicidade extrema, nunca nos fazem sentir o plano elevado onde se encontram.

Ao passo que uns nulos, do conhecimento geral, e uns inúteis, que pululam nas arcádias da trivialidade, até nos provocam quesílias com suas petulâncias!

Olham para nós como quem atira uma esmola, lá do cantinho especial dos olhares destinados aos inferiores, e, se por mero acontecimento nos topam em seus caminhos, afastam-se sistemàticamente e acolhem-se às regiões da «superioridade balofa» que lhes pertencem.

Por ÁLVARO VALENTE

Que raiva isto me faz!

Analiso-os em disfarce e considero:

— Donde virá toda esta importância? Qual a razão desta fantástica prosápia?

Nunca lhes vi qualquer manifestação cerebral, trazem os pés pelo chão, como eu, ninguém lhes conhece qualquer acção valiosa, qualquer facto que os distinga do comum dos homens, são de barro, como todos nós, quando intervêm em qualquer assunto mostram-se autênticas nulidades... Onde estará, portanto, a causa desta *pose* ostensiva, deste procedimento depreciativo?

E fico-me a pensar se estará, afinal, no dinheiro...

Ora o dinheiro, que se arranja por tantos processos condenáveis, — no que pese aos que o obtiveram por sortes mirabolantes, não dá superioridade a ninguém, até porque, como os bens do sacristão, «cantando vêm, cantando vão», e eu já tenho visto na vida altos castelos doirados tombarem no pó de ruínas safadas.

Será porque a alma humana é, muitas vezes, assim formada, anfractuosa, incompreensível, repleta de ilusões parvíssimas?

Talvez... Tenho observado certos homens que, por irem de automóvel, isto é, a quarenta centímetros da terra, já se imaginam nos Pirinéus ou no Himalaia...

Mas, vem de lá uma pequena pedra ou uma gota de água, e tudo se esbarronda num instante!

— Não, meus filhos. Estas «superioridades balofas» nada valem, não as reconhecemos. As únicas que reconhecemos, por nossa livre e espontânea vontade, são as que se desentranham em frutos sublimes a Bem da Humanidade.

Ecos das Festas Populares de S. PEDRO

Aos amigos columbófilos

Um dos momentos mais emocionantes das nossas festas foi aquele em que, na estrada que conduz à Ponte dos Vapores, se fez a largada dos pombos correios. Eis o que a nossa gravura vos oferece, para infinita recordação desse emocionante momento.

VIDA PROFISSIONAL

Médicos

Dr. Avelino Rocha Barbosa
Das 15 às 20 h.
R. Almirante Reis, 68, 1.º
Telef. 026 245 — MONTIJO
Consultas em Sarilhos Grandes, às 9 horas, todos os dias excepto ás sextas feiras.

Dr. Fausto Neiva
Largo da Igreja, 11
Das 10 às 13 e das 15 às 18 h.
Telef. 026 256 — MONTIJO

Dr. J. Sousa Correia
CLINICA DENTÁRIA
Dentes artificiais e consertos
Consultas todos os dias
das 11 às 13 e das 15 às 17 horas
Rua Bulhão Pato, 58 — MONTIJO

Dr. M. Santos Cruz
Interno dos hosp. civis de Lisboa
Doenças da boca e dentes
Dentes artificiais
Consultas às 2.as e 6.as feiras
às 14 horas.
R. Bulhão Pato, 7 — Montijo

Dr.ª Isabel Gomes Pires
Ex-Estagiária do Instituto
Português de Oncologia.
Doenças das Senhoras
Consultas às 3.as e 6.as feiras
R. Almirante Reis, 68-1.º-Montijo
Todos os dias
Rua Morais Soares, 116-1.º
LISBOA Telef. 48619

Parteiras

Felisbela Victória Pina
Parteira - Enfermeira
Partos, injecções e tratamentos
Rua Sacadura Cabral, n.º 50
MONTIJO

Augusta Marq. Charneira Moreira
Parteira-Enfermeira
Diplomada pela Faculdade de
Medicina de Coimbra
Rua Tenente Valadim, 29-1.º
MONTIJO

Advogados

Dr. Alberto Cardoso do Vale
Escritório: Praça da República, 4
MONTIJO

Tendo V. Ex.ª que efectuar Seguros em qualquer ramo não deixe de consultar
Luís Moreira da Silva
Rua Almirante Reis, 27
Telefone 026 114
MONTIJO

Telefone 026 567
Para boas Fotografias
Foto Montijense

MONTIJO

O Sr. Presidente da Câmara Municipal de Montijo, recebeu a nova comissão Pró Casa da Criança em Montijo

No dia 24 de Julho, no seu gabinete de trabalho, o Sr. José da Silva Leite, ilustre Presidente da Câmara Municipal de Montijo, que se encontrava acompanhado do Secretário da mesma Câmara, Sr. Mendes Costa, recebeu pelas 21,30 horas a nova Comissão Pró Casa da Criança de Montijo.

Da nova comissão, composta pelos Srs. António Tavares Marques, Francisco Neto dos Santos, José Júlio Valério Rodrigues, António José Rufino dos Santos, José Maria de Oliveira Junior e Carlos Tavares Ramos Cardeira, depois de ser apresentada ao Sr. Presidente da Câmara pelo Sr. Mendes Costa, fez uso da palavra o Secretário Geral da Comissão Pró Casa da Criança, Sr. José Júlio Valério Rodrigues, que leu a exposição que passamos a transcrever, para melhor elucidação dos nossos leitores.

Ex.mo Sr. Presidente da Câmara Muncipal de Montijo.

Primeiramente a nova Comissão Pró Casa da Criança, em Montijo, apresenta pessoalmente a V. Ex.ª os seus melhores cumprimentos e agradece reconhecidamente a honra que V. Ex.ª lhe deu em conceder esta audiência, que solicitámos, para expor o Plano dos nossos trabalhos no que diz respeito à futura Casa da Criança no nosso concelho.

Seguidamente, antes de entrarmos nessa ordem de trabalhos, com a devida vénia, queremos, como argumento incontestável, pôr em destaque o que, ponderadamente, o Ministro do Interior declarou ao dar posse ao novo Subsecretário da Assistência, que entre outras afirmações judiciosas, exprimiu a opinião de que «...na elaboração dos programas de trabalhos a efectuar por aquele departamento do Estado não se devia esquecer que, sendo a índole histórica da nossa assistência diferente da de qualquer outro povo, temos de a organizar, inspirando-nos mais na sua tradição multissecular do que em exemplos alheios. Assim, não devemos subordinar a nossa acção a conceitos rígidos e geométricos, sob pena de estancarmos as fontes de altuismo, de abnegação e de sacrifícios, que alimentam a beneficência particular.».

Neste parecer do Sr. Dr. Trigo de Negreiros, quanto ao problema de assistência social e da assistência privada, prevêm-se as facilidades que aquele departamento do Estado pretende dar a obras de beneficência.

Julgamos que qualquer Município pretenderá seguir as palavras do Ministro do Interior, deligenciando não dificultar obras de carácter assistencial, demais quando as mesmas sejam de molde a demonstrar o progresso do seu concelho, e neste campo não fingimos ignorar o desenvolvimento da nossa terra, do nosso Montijo, para o que, muito tem contribuido V. Ex.ª como digno Presidente do seu Município. De propósito quisemos plagiar uma feliz passagem do vosso discurso no almoço à Imprensa e à Rádio, em 27 de Junho p.p., em que V. Ex.ª disse: — «A nossa terra vive um período áureo, e ciosa do seu valor, quer cada vez mais e melhor. Não nos contentamos com pequenos melhoramentos de aldeia, as nossas aspirações são grandes, pois entendemos que a nossa terra também é grande sob todos os aspectos.»

Nós, a comissão Pró Casa da Criança, em Montijo, fazemos nossas as vossas palavras, e assim pretendemos levar por diante a edificação da Casa da Criança para um MONTIJO MELHOR.

Entrando no nosso plano de Trabalho, que se divide em duas fases, pelo que tomamos a liberdade de juntar um exemplar devidamente impresso, damos a conhecer a V. Ex.ª quais os propósitos da Comissão Pró Casa da Criança, para o qual ousamos pedir a V. Ex.ª o vosso incondicional apoio, para que a Casa da Criança seja um facto.

Ao pedir o vosso incondicional apoio, queremos dizer que pretendemos o auxílio do Município, pois sem ele será muito difícil levar de vencida os nossos bons propósitos; mas certos estamos de que V. Ex.ª envidará todos os esforços para secundar a nossa causa.

Por último ousamos lembrar o prezado Ofício N.º 732-Proc.º 17 datado de 12 de Abril de 1954, desta digníssima Câmara e firmado por V. Ex.ª, em que nos é dado a conhecer que em reunião de 8 de Abril do mesmo ano foi resolvido conceder à nossa iniciativa todo o apoio e patrocínio, bem como um subsídio a determinar oportunamente, em presença de elementos de apreciação fornecidos pela marcha da obra, e assim somos a pedir:

a) — Isenção de licença para obras.

b) — Autorizar a Secção Técnica em colaborar ou prestar o seu auxílio de modo a obter-se elementos tecnicos indispensáveis ao decorrer das obras, sem que sejam necessários requerimentos ou qualquer outro documento para a sua interferência.

c) — Cedência de entulhos ou qualquer outro material desnecessário ao Município, mas de utilidade para a nossa obra.

d) — Empréstimo dos vossos transportes para condução de entulhos e outros materiais, sempre que os mesmos não venham prejudicar os serviços da Câmara.

e) — Conceder aos funcionários licença para condução dos transportes sempre que os mesmos façam serviço para a Casa da Criança.

Certos de que V. Ex.ª dispensará a vossa melhor vontade e carinho para o que acabamos de expor, renovamos os nossos cumprimentos e agradecimentos e com os protestos de elevada estima e consideração, somos

De V. Ex.ª

Por um Montijo melhor

A Comissão Pró Casa da Criança

Após a leitura deste discurso, o Sr. Presidente da Câmara felicitou a nova Comissão e agradeceu as referências feitas à sua pessoa, prometendo de seguida todo o seu interesse por esta iniciativa, oferecendo todo o seu apoio e patrocínio por parte da Câmara, e fazendo votos para que o início das obras fosse dentro do mais curto espaço de tempo, pois que Montijo bem precisava de uma instituição de assistência às crianças filhas de operários pobres.

A nova Comissão retirou satisfeita e entusiasmada com o bom acolhimento; e, segundo nos constou, envida todos os esforços para que as obras comecem dentro em pouco, pelo que conta já com o cimento e pedra a empregar para os caboucos.

Sinceramente, daqui endereçamos as nossas felicitações à nova comissão, composta por elementos bons filhos de Montijo e com excepcionais qualidades de trabalho e iniciativas, de modo a levarem de vencida o que muitos até aqui julgavam ser um sonho, mas que neste momento se torna em realidade. Como até aqui, continuamos sempre ao inteiro dispor da Comissão da Casa da Criança.

Ainda as Festas Populares de S. Pedro

Por intermédio de mão amiga, tivemos a surpresa e o prazer de ler um recorte do jornal «O Globo», que se publica no Rio de Janeiro, ilustrado com duas gravuras das nossas Festas, — uma, aspectos das iluminações; outra, os cabeçudos e gigantones em plena rua.

Eis o que diziam o recorte e as legendas:

«**As Festas de São Pedro, no Montijo** — Junho (Especial para o GLOBO, via Panair) — Com a presença de milhares de forasteiros que enchiam por completo as principais artérias, realizaram-se nessa importante vila do Ribatejo as tradicionais festas de São Pedro, as únicas que no Sul do país rivalizam com as famosas festas de S. João, em Braga. As *feéricas* iluminações organizadas no sabor da Feira de Sevilha; o cortejo com os carros alegóricos, que percorreu as ruas entre alas compactas de forasteiros; a batalha de flores e a garridice do povo que envergou os seus trajos característicos contribuíram para que as festas de São Pedro do Montijo alcançassem uma extraordinária animação e beleza, não faltando os «Gigantes», «Cabeçudos» e «Zés-Pereiras», figuras bem caracteristicas a todas as festas regionais portuguesas».

Ainda haverá quem suponha que as Festas de S. Pedro não trazem muito prestígio à nossa terra?

Mocidade Portuguesa

Bolsas de estudo para filiados

Na delegação provincial da Estremadura, no Palácio da Independência, estão patentes as condições de concessão de bolsas de estudo, para frequência de estabelecimentos de ensino particular a filiados da M. P. que de tal careçam. O prazo da entrega da documentação necessária para o efeito, termina em 10 de Agosto próximo.

Nas restantes alas da divisão, as subdelegações regionais da M. P. prestam, igualmente, todos os esclarecimentos sobre o assunto.

Governador Civil

O Governador Civil do nosso Distrito, sr. Dr. Miguel Rodrigues Bastos, tem estado doente.

Sabemos bem quanto esta notícia constristará quantos dela tiverem conhecimento.

«A Provincia» lamenta sinceramente o facto e faz ardentes votos para que o ilustre magistrado se restabeleça sem demora.

MONTIJO

AGENDA ELEGANTE

Aniversários

— Dia 26, o Sr. Alfredo Rodrigues Gomes, nosso dedicado assinante.

— Dia 27, o Sr. Manuel Militão de Carvalho, nosso estimado assinante.

— Dia 28, o Sr. Joaquim Marcelino da Cunha, padrinho da nossa gentil assinante, menina Maria de Lourdes S. Jesus.

— Dia 28, a menina Hortense Lopes Amaral, irmã do nosso dedicado assinante, Sr Carlos T. L. Amaral.

Casamentos

— No dia 28 de Julho, pelas 12,30 horas, realizou-se, na igreja de S. João de Deus, em Lisboa, o casamento da sr.ª D. Maria Natércia Ramalho Gonçalves Rita, gentil filha do nosso prezado assinante sr. Dr. António Gonçalves Rita e de sua Esposa, sr. D. Natércia Ramalho Gonçalves Rita, com o sr. Dr. Cristiano da Silva Mendonça, filho do também nosso prezado assinante, sr. Diogo Rodrigues de Mendonça e de sua Esposa, sr.ª D. Isaura da Silva Mendonça.

Foram padrinhos, por parte da noiva: a sr.ª D. Eteline Graciete da Costa Valente Castanheira de Moura e o sr. Francisco Joaquim Ferreira Teles de Castro Pina; e por parte do noivo: a sr.ª D. Elisa de Freitas Oliveira e seu marido, o sr. José Salgado de Oliveira.

Após a cerimónia, efectuou-se na «Casa do Ribatejo» um lauto copo de água a cerca de duzentos convidados.

Felicitamos os noivos e seus Ex.mos Pais, desejando aos cônjuges as maiores felicidades e venturas.

— No dia 29 do mesmo mês, pelas 13 horas, realizou-se, na igreja paroquial de Montijo, o casamento da sr.ª D. Maria José Caria Sequeira, gentil filha do nosso prezado assinante, sr. Júlio Verne Sequeira e de sua Esposa, sr.ª D. Lucília Caria Sequeira, com o sr. António Pires Nunes, filho do também nosso prezado assinante, sr. António Nunes, e de sua Esposa, sr.ª D. Maria Francisca Pires Nunes.

Paraninfaram o acto, por parte da noiva: o sr. Isidoro Sampaio de Oliveira e a sr.ª D. Maria Manuela Martins de Oliveira Cola; e por parte do noivo: os seus pais.

Endereçamos as nossas felicitações aos noivos e a seus pais, augurando aos primeiros longa senda de infinitas prosperidades.

Concurso Hora Feliz

No passado dia 26, na nossa Redacção, deslacrou-se novamente o relógio deste Concurso que a Ourivesaria e Relojoaria Contramestre, da Praça 1.º de Maio, em Montijo, promove.

O relógio parara nas:

6 horas e 36 minutos

e o cupão premiado pertencia ao sr. Manuel Joaquim Gouveia Baptista, rua da Aldeia Velha, 33 — Montijo.

E o concurso segue o seu caminho triunfante.

Porque não se inscreve ainda?

Ainda está a tempo de tomar parte no CONCURSO HORA FELIZ!

Serviços em Tribunais
Sousa Gago
Solicitador - Encartado
ESCRITÓRIO
R. de Santa Maria, 12-1.º
Telefone 23787
SETÚBAL

Frequência de desastres de viação

Com este titulo publicou o nosso Jornal, no seu último número, algumas considerações a propósito de três desastres que se deram dentro e fora da Vila, mas todos com veículos estranhos a Montijo.

Escreve o autor, que tanto faz nas estradas como nas artérias desta Vila, chega a ser mais que perigoso, portanto fatal, transitar principalmente de bicicleta.

Para tão bem informado ciclista, porque assim o supomos, chamamos a especial atenção para a competente e bem elaborada obra, do Automóvel Clube de Portugal, «O Código da Estrada pela Imagem», em que se chama a atenção, entre outras coisas, para a maneira como os ciclistas andam nas ruas e estradas.

Em sequência informamos também, dada a nossa profissão, temos milhentas vezes observado dois e mais ciclistas absolutamente a par, ocupando o espaço máximo reservado a todo o trânsito.

Claro está que nem só os ciclistas são prevaricadores, há-os também nos outros veículos, mas quem tem telhados...

Insurge-se também o autor contra o excesso de velocidade dos veículos motorizados, tanto na Estrada como na Vila.

Chamamos novamente a sua atenção para o artigo 7.º do novo Código da Estrada. Escreve também que a vida do Cidadão não pode estar à mercê de excessos de velocidade, nem da falta de cumprimento das disposições legais quanto ao trânsito.

É bem verdade, mas no sentido absolutamente inverso, porque, se assim não fôsse e nomeadamente em Montijo, muito já teríamos que lamentar.

Dois exemplos apenas:

1.º No cruzamento do Café Aliança, onde costuma estar de serviço um Guarda da P.S.P. desta Vila, existe duas faixas de passagem para Peões; logo que o Guarda se vai embora, essas faixas deixam de ter valor, porque é muito raro o peão que delas se utiliza.

2.º A Policia de V. e Trânsito, tomou e muito bem a seu cargo o controle da passagem de peões na área do Posto, sito na Praça da República, e, como todos sabemos a maior concorrência faz-se na parte da manhã, quando o Mercado Municipal se encontra aberto e bem assim entrada e saida do operariado das Fábricas, pois, todos os dias, o Guarda de serviço tem de avisar quási sempre as mesmas pessoas da maneira correcta de atravessar as Ruas.

É bom saber-se que no Código da Estrada existem também disposições legais para peões.

Não nos queremos alongar mais e por conseguinte, aqui, por enquanto, nos quedamos, pedindo pura e simplesmente que sejamos imparciais em quaisquer considerações do teor daquelas que aqui, muito ligeiramente fizemos referência.

Artur Lucas

— **N.R.** — Os autores dos desastres últimos, — um morto, dois em estado grave para os hospitais de Lisboa, outro com um pé esmagado = eram estranhos à nossa terra. A que propósito teria vindo, pois, o sr. Artur Lucas meter-se neste assunto? Defender esses autores? Não o acreditamos. Ele é motorista da nossa praça e esses motoristas (aos quais prestamos as nossas homenagens por serem dos melhores condutores) estão fora de causa... Não percebemos, portanto, porque veio à estacada.

Dá-nos a *agradável* notícia de que, em proporção, estes desastres são ainda em pequeno número. Parece que está satisfeito com esse pequeno número, o que também não acreditamos. Mas, assim mesmo, caberia perguntar se esse número não poderia ser menor, não poderia até ser zero? E isto é que interessava.

Fala-nos em códigos e artigos. Acusa-nos de parcial e dá-nos a *novidade* de que os peões também prevaricam. Quanto a códigos e artigos, sempre lhe diremos que não são permitidas as marchas «fora da mão», as curvas pelo lado contrário, as businadelas mesmo em cima dos transeuntes, como não são permitidos os estacionamentos nos passeios, os ziguezagues pelas ruas e estradas, as entradas à vontade nos cruzamentos, como não é permitido, principalmente, o transformar as artérias de qualquer localidade em autênticas pistas de corridas.

E o autor da carta que comentamos, sabe muito bem que isto se dá constantemente. Quanto aos peões e ciclistas: Na nossa inocente local não tratávamos desses casos e não julgamos obrigatório, quando se fala de certos prevaricadores, falar também nos outros todos. Se os peões e os ciclistas prevaricam também, que se lhes apliquem as sanções legais, além dos respectivos ensinamentos. Não julgamos, porém, que seja a fracturar pernas e crâneos, a inutilizar, a matar, que se ensinam os que prevaricam ou os que não sabem.

Acima dos tais códigos e dos tais artigos, há outro código muito mais importante: o da Consciência e, — repetimos —, a vida dos cidadãos não pode estar à mercê dos que usam habitualmente o excesso de velocidade (que nos importa que a lei permita 60 à hora?) e a transgressão de quanto está estatuído.

Pelo que, — como num grito saído do coração —, continuamos a pedir providências contra os que ferem e matam sem nenhuma atenção pela vida humana.

E temos a certeza de que o próprio sr. Artur Lucas é da mesma opinião.

É ponto no assunto.

Soares & Afonso, L.da

Para os devidos efeitos se anuncia que por escritura de hoje lavrada a fls. 68 do livro N.º 215 do Cartório Notarial do Barreiro, a cargo do Notário Manuel Preto Chagas, foi dissolvida e liquidada a Sociedade por quotas SOARES & AFONSO, LDA., com sede na vila do Montijo, constituida por escritura de 11 de Julho de 1928, lavrada a fls. 67 do livro N.º 102, do Cartório Notarial de São Braz de Alportel, ficando adjudicado ao ex-sócio João Guerreiro Afonso Júnior, todo o activo da dissolvida sociedade com inteira responsabilidade e obrigação por todo o passivo.

Barreiro, 7 de Fevereiro de 1956.

A ajudante do Cart. N. do Barreiro

Belmira Augusta da Cunha

Agradecimento

ao Ex.mo Sr. Dr. José Maria Gonçalves Guerra

Maria José Pinto Vieira vem, por este meio, agradecer àquele distinto clínico os cuidados e a generosidade com que a tratou na grave doença que a atingiu, da qual se encontra completamente restabelecida, pelo que jamais esquecerá quanto lhe ficou devendo.

Este agradecimento estende-se também ao enfermeiro sr. Manuel Cola, pela deferência e atenção com que sempre a distinguiu nessa conjuntura.

Reconhecidamente, torna pública a sua gratidão.

a) Maria José Pinto Vieira

A Praia da Casa Branca e os transportes

Com os dias calmosos da outra semana, apetecia seguir até aquela praia a procurar a brisa refrigerante da canícula.

Manhã cedo, aí foi tudo de abalada, para gozar o domingo feriado com melhor ar e melhor disposição.

Aconteceu, porém, que os transportes tudo estragaram.

Para lá, com uma única camioneta ao serviço, de meia em meia hora, ainda se transportaram as muitas centenas de pessoas que para ali se deslocaram.

Mais encontrão menos encontrão, tudo chegou ao seu destino.

Agora, na volta?

Aí pelas 17 horas e meia, quando os veraneantes procuravam o regresso a suas casas, naturalmente para o jantar, é que as coisas se complicaram e tomaram aspectos de verdadeira batalha!

A camioneta, — o tal único transporte —, era assaltada e os passageiros atropelavam-se, pisavam-se, esmagavam-se, perante a impassibilidade do pessoal que assistia à luta.

Houve pessoas que chegaram a Montijo às 23 horas e mais, — horas a que puderam então jantar.

Estes factos não se deviam dar no nosso tempo... e na nossa terra.

É preciso providenciar para que se não repitam, sob pena de se não poder voltar à praia da Casa Branca e muito menos com crianças e senhoras.

A passagem já não é barata (seis escudos ida e volta); mas, desta maneira, com tanto incómodo e tanta inconveniência, ainda se torna mais cara...

E aqui está como os transportes estragaram o dia bem passado naquela praia!

Julgamos que tudo isto se poderá remediar, com um pouco de bom senso e de boa vontade, ou teremos que desistir de nos refrigerarmos nas brisas agradáveis que o rio Tejo nos proporciona?

Grupo Infantil da Marcha dos Pescadores de Montijo

Teve lugar no passado domingo, dia 29, a apresentação em público do novel grupo infantil da prestimosa Marcha dos Pescadores de Montijo.

A sua exibição despertou o maior interesse neste meio, e o grupo infantil, como sua primeira manifestação de actividade, visitou o digno presidente do Município, sr. José da Silva Leite, o qual carinhosamente manifestou o seu melhor apreço pela organização desse agrupamento juvenil.

Nessa noite o grupo infantil, acompanhado do seu conjunto musical, visitou as colectividades de Montijo e a imprensa local, em penhorante gentileza de amizade.

«*A Provincia*», ao agradecer a atenção que lhe foi testemunhada, faz sinceros votos pelo bom êxito da nova iniciativa; *por um Montijo melhor, sempre melhor!*

AVISO

A Sociedade Filarmónica 1.º de Dezembro e a Empresa Francisco Almeida participam aos seus dig.mos espectadores, que pela força das circunstâncias vão realizar, nos meses de Agosto e Setembro, espectáculos diários, aos preços seguintes:

1.ª Plateia	*3$50*
2.ª Plateia	*3$00*
Superior	*2$50*
Geral	*1$50*

A' excepção dos domingos e *filmes* em Cinemascópio ou especiais de cabeça de contracto, cujos preços eram os normais deste cinema.

AGENDA UTILITÁRIA

Farmácias de Serviço

5.ª-feira,	2 —	*Moderna*
6.ª-feira,	3 —	*Diogo*
Sábado,	4 —	*Giraldes*
Domingo,	5 —	*Montepio*
2.ª-feira,	6 —	*Moderna*
3.ª-feira,	7 —	*Diogo*
4.ª-feira,	8 —	*Giraldes*

Espectáculos

CINE POPULAR

5.ª feira, 2; «Papá, mamã, a criada e Eu», com complementos curtos e Revista Paramount.

6.ª feira, 3; O impagável cómico Tin Tan em Músico, Poeta e Louco, com complementos curtos.

Sábado, 4; «Cidade da Prata» com «Recrutas, Sentido».

Domingo, 5; O *filme* em Cinemascópio «Sábado Trágico».

2.ª feira, 6; O *filme* de acção e interesse «Hondo», com interessantes complementos.

3.ª feira, 7; A super produção italiana «Turbilhão», com complementos diversos.

4.ª feira, 8; A *charge* francesa «O Combóio nem sequer apitou!»

CINEMA 1.º DEZEMBRO

5.ª feira, 2; para 13 anos o formidável *filme* colorido com John Payne «Massacre Traiçoeiro».

6.ª feira, 3; para 13 anos o grandioso *filme* de aventuras em 12 episódios 25 partes com Erman Brix e Mala «A Ilha Selvagem».

Sábado 4; para 13 anos dois fantásticos *filmes* «O Rei sem Coroa» com Burt Lancaster e Virginia Mayo e o grande drama «Lágrimas de Mulher com Ray Miland.

Domingo, 5, e 2.ª feira 6, para 18 anos o melhor *filme* em Cinemascópio dos últimos tempos, «A Leste do Paraiso», 1.º prémio do *filme* mais dramático no concurso em Canes.

3.ª feira 7; para 13 anos, 12 impressionantes episódios, 25 arrebatadoras partes «Zorro o Vingador».

4.ª feira, 8; para 18 anos um *filme* que foi o melhor êxito de 1956 e que é de contrato especial «As 7 Filhas do Sr. Conde» com Maurice Chevalier, e as 7 mulheres mais belas de Itália.

5.ª feira, 9; para 13 anos um drama de aventuras, heróico e arrebatador, «O Gigante dos Mares».

Vendem-se

— CASA de 6 a 7 divisões, no Alto das Vinhas Grandes, com electricidade e 18 m.2 de quintal murado. Informa-se nesta redacção.

— ARAME N.º 14 para enfardar palha José António Paiva.

— BANHEIRA estado novo. Trata-se com Fernando Ferreira C.ª e Irmão.

— PRENSA completa para espremer bagaço de Uva. Informa F. Rosa & Irmão, Ld.ª Montijo.

— BANHEIRA esmaltada branca com pouco uso, cómoda polida, dois bancos compridos, dois cavaletes e um tanque lava-roupa. Trata-se na Avenida Luís de Camões, prédio do Sr. Pinto, r/c — Esq.º.

Emprestam-se

— 100.000$00 sobre hipoteca. Nesta redacção se informa.

Telefones de urgência

Hospital, 026 046
Serviços Médico Sociais, 026 198
Bombeiros, 026 048
Taxis, 026 025
Ponte dos Vapores, 026 425
Polícia, 026 144

Valerá a pena uma campanha educacional?

Valerá a pena fazer-se uma campanha de divulgação educacional na Imprensa Regional, por meio de artigos curtos mas tanto quanto possível concisos, esclarecedores e orientadores?

Poderemos responder *sim* e *não*.

Não valerá a pena porque, sendo a educação resultante do meio ambiente económico-social e não sendo possível presentemente (não importa agora porquê) transformar a situação económico-social vigente e muito menos transformar o meio ambiente, visto que ele é o produto do atraso de civilização em que vivemos e consequentemente de uma tradição e de uma moral perniciosas e convencionalmente engendradas, todos os esforços serão inúteis e nada terá força suficiente para destruir o dique que esconde a luz de que os homens necessitam para ver claro, para partirem em busca de uma vida mais plena, mais bem vivida.

Por outro lado, há ainda a considerar que só um reduzido número de pessoas lê um jornaleco (permitam-nos o termo) de província, embora tenhamos em Portugal jornais de província que atingem a apreciável tiragem (para o nosso meio) de cerca de 14.000 exemplares, e que grande número de pessoas desse já reduzido número de leitores se não interessa pelas questões de educação, se bem que elas sejam, particularmente em Portugal, um dos problemas de maior acuidade e aquele que mais urgentemente carece de ser resolvido ou, pelos menos, encarado a sério, a bem do engrandecimento e do futuro da nossa Pátria e para que possamos ser colocados a par das nações progressivas do mundo.

Assim a tese de que será inútil todo o esforço e todas as palavras serão vãs, parece confirmar-se e fazer calar aqueles que ousam vir maçar uma escassa meia dúzia de filantropos (talvez seja este o melhor termo) que se dignou passar os olhos por estas colunas.

No entanto, e apesar de tudo e de todos os argumentos que se possam antepor ao desejo de realizarmos obra útil, caso possam ter algum préstimo os nossos modestos artigos ou os daqueles que, mais conhecedores e elucidados quanto aos problemas de educação, quiserem ter a gentileza de colaborar connosco.

Nós fincamos os pés e gritamos que sim, que vale a pena, que estamos dispostos a levar para diante essa campanha.

As suas vantagens parecem-nos bem evidentes e de molde a tentar-nos iniciá-la e mantê-la com todo o nosso ardor e força de vontade inabaláveis.

Se repararmos bem, talvez devido ao esforço individual de um punhado de homens, a educação dos nossos dias é muito mais

Por
José dos Santos Marques

consciente e objectiva do que a que nos ministraram os nossos pais. Confia-se muito mais na capacidade da criança, no seu valor real e nas possibilidades que têm de auto-educar-se; reconhece-se, finalmente, que a criança é, apenas, o futuro homem em embrião e que, por conseguinte, os seus pensamentos e a sua maneira de ser diferem grandemente do adulto e que este jamais deve impor a sua vontade à criança, mas sim, pelo contrário, deixá-la viver no seu mundo e à sua maneira, tentando interpretar o seu desejo e compreendê-la.

Chegou-se também à conclusão de que, não só a co-educação dos sexos como ainda uma educação em comum, isto é, uma educação resultante da colaboração, da inter-ajuda entre os educandos, é muito mais eficiente e valiosa do que a velha e relha educação que trata cada um de per si e que foje a enquadrar no todo social o pequeno ser que desponta para a vida.

Já na escola primária actual se nota esta tendência, proíbindo que os alunos troquem entre si as suas opiniões e se ajudem no estudo, o que redundará, forçosamente, num estímulo do egoísmo, do pensar-se apenas em si próprio, que, de maneira alguma, poderá estar no bom caminho da razão e da lógica, sabido como é que só de uma colaboração entre todos algo de útil poderá surgir.

Na escola primária actual, premeiam-se os bons estudantes (às vezes!, quando não se confunde a categoria social dos pais das crianças com a inteligência ou o saber do pequeno escolar) e exige-se-lhes que nada ensinem aos seus companheiros menos privilegiados, incutindo-lhes no espírito, repetimos, o egoísmo e a rivalidade. Por outro lado, a co-educação dos sexos e a educação dentro dos sãos princípios e esclarecida moral da livre colaboração, tem a alta vantagem de tornar a criança mais sociável e mais interessada pela comunidade, além de servir para uma melhor compreensão e respeitabilidade mútua no futuro, quando forem adultos, evitando, assim, os divórcios e as separações conjugais, algumas das quais trarão a imoralidade desde que os cônjuges não possam separar-se à face da lei. Esta última hipótese é uma situação que cria o amantizado, contra o qual o português está habituado a reagir com repulsa e condenação, mas que tem, forçosamente, de acatar e admitir mercê dos princípios que, talvez menos clarividentemente, foram perfilhados.

Nem só por isto — que muita representa já —, afinal, valerá a pena tentar uma campanha de educação divulgada.

E' indiscutível que os pais necessitam de ser orientados e de que lhes apontemos possíveis soluções para os problemas que a educação consciente de seus filhos foi gerando.

Desde o seu nascimento até à juventude a criança necessita de uma educação tanto mais perfeita quanto for possível e, sobretudo, bem orientada. E' necessário que, pelo menos, os tópicos dela sejam enunciados, deixando ao educando as possibilidades de raciocínio e de auto-educação que todos os sistemas educacionais modernos tanto nos aconselham, e que tão relevantes resultados práticos nos trouxeram já.

A educação dos nossos dias tem de ser activa e directa; dinâmica e progressiva; evolucionista e concreta.

(Conclui no próximo núm.)

Transcrição

O nosso prezado Colega «Correio da Beira», teve a gentileza de transcrever no seu N.º de 26 de Julho a local que publicámos acerca do Castelo de Sortelha, do nosso distinto colaborador e professor José Manuel Landeiro.

Agradecemos, muito sensibilizados, essa amabilidade.

Que não falte na sua mesa o café de

«A JAVANEZA»

Rua do Arsenal, 102
Telef. 22722

Enviam-se encomendas para a província

A SUIÇA CIENTÍFICA

As investigações acerca das vitaminas na Suiça

Pelo Professor A. Fleisch

VITAMINA: — Esta palavra anda hoje na boca de toda a gente! Era ainda desconhecida há 50 anos, e nem a própria ciência a tinha pressentido, a não ser por alguns sábios.

A colaboração entre médicos, fisiologistas e químicos do mundo inteiro, conduziu ràpidamente às descobertas fundamentais, cuja história se poderia apresentar como um romance passional.

A extensão no exército das Índias Neirlandesas, em 1885, duma doença chamada béri-béri, pelos indígenas, foi a origem das investigações acerca das vitaminas.

Como a doença imobilizava um quarto das tropas, o governo holandês enviou homens de ciência estudar no local a causa dessa doença. A bacteriologia estava então no seu apogeu; e assim a Comissão considerou o béri-béri como uma doença infecciosa e encarregou o médico militar Eijkmann de prosseguir as investigações nas Índias.

Em 1896 este médico descobriu que o béri-béri, entre os homens e entre os animais, era a consequência duma alimentação rica em arroz descascado.

Foram precisos dez anos para reconhecer que o béri-béri era devido à falta duma substância na alimentação, que se tratava, pois, duma doença de carência!

— Haverá ainda outras doenças de carência? — perguntaram outros investigadores.

Em 1906, o inglês Hopkings mostra que o escorbuto é igualmente uma doença de carência. Por outro lado, descobre, em 1912 um factor de crescimento (vitamina A) na gordura do leite e na gema do ovo. Estas substâncias acessórias, necessárias à vida, foram então denominadas «vitaminas» por Funk.

A descoberta de Eijkmann ficou por muito sem eco. Só vinte anos mais tarde ela despertou vivo interesse e depois um entusiasmo crescente. Os investigadores, a cada hora mais numerosos, exploraram este novo domínio e as descobertas sucederam-se ràpidamente.

Em 1926, o holandês Jansen isola, a partir da película do arroz, a primeira vitamina, — a vitamina B 1 —, a qual, ministrada em dose quotidiana de alguns miligramas, cura com absoluta certeza o béri-béri.

E assim estas substâncias maravilhosas tornaram-se acessíveis aos químicos. Qual era a sua constituição química? Poderiam produzir-se vitaminas artificiais no laboratório, nas provetas, «sintetizá-las», como diz o químico?

Os químicos e os biologistas suiços tomam parte igualmente nesta competição internacional de investigação e com êxito brilhante:

Karrer, em Zurique, que já tinha estudado antes o caroteno, o corante amarelo das cenouras, descobre, em 1929, de colaboração com seu amigo sueco Euler, que esse caroteno possui uma acção semelhante à da vitamina A; separa os diferentes carotenos e no decurso dos anos de 1931-1933, estabelece a fórmula química B — caroteno e a vitamina A, obtida a partir do óleo de fígados de bacalhu. Averigua ainda mais que o B — caroteno, ingerido com os vegetais, cinde-se no organismo humano e transforma-se em vitamina A.

Quando a constituição química duma substância é conhecida, é geralmente fácil produzi-la artificialmente.

Numerosos químicos tentaram a síntese da vitamina A para a tornar mais barata que a obtida do óleo de fígados de bacalhau, fonte natural e principal, ...mas em vão.

Só 15 anos mais tarde, um grupo de químicos da Casa La Roche a Bale, Iselino e seus colaboradores, alcançaram a síntese dessa vitamina de crescimento.

Os suiços contribuiram também com as suas investigaçõs, no que dizia respeito à vitamina B 1, cuja carência produz o béri-béri.

Se se deseja isolar e analisar quimicamente um produto natural, é de toda a importância dispor dum método seguro e rápido para apurar a sua presença, a fim de que o químico possa segui-lo nas diferentes fases de purificação. Schopfer, em Berna, descobre um novo método de dosagem: as vitaminas não só estimulam o crescimento do homem mas igualmente o dos bolores e das bactérias. Mostra que certo cogumelo cresce tanto mais depressa quanto a saturação do ambiente com a vitamina B 1 é mais forte. O holandês Jansen encontra um método químico para a determinação dessa vitamina e o suiço Karrer melhora-a.

A vitamina B 2, também chamada lactoflavina, é o corante que dá ao leite a coloração amarela esverdeada. A história da sua descoberta é uma ilustração da competição internacional no domínio das vitaminas. No mesmo ano (1935), o suiço Karrer e o alemão Kuhn estabelecem a sua constituição química; ambos conseguem ao mesmo tempo a sua síntese. Os clínicos suiços Vannotti e Franconi descrevem os sintomas da carência em vitamina B 2 e relacionam também os sucessos terapêuticos obtidos pela sua administração às crianças doentes.

A contribuição suiça é mais modesta no que respeita à vitamina B 6, cuja carência produz a pelagra. Karrer consegue um método de determinação colorimétrica.

O suiço Reichstein alcança a síntese duma outra vitamina, o ácido pantoténico, ao passo que Schnider e os seus colaboradores da Casa La Roche preparam pela primeira vez a Blotina, conhecida anteriormente pelo nome de vitamina H, substância de crescimento extraordinàriamente activo para a levedura e que pode também ser utilizada na terapêutica do homem.

A vitamina C, presente nos frutos, nos legumes, nas batatas, foi igualmente objecto de estudos na Suiça. A sua carência provoca o escorbuto, tão temido outrora pelos navegadores; uma deficiência menos notada, é em parte responsável pela fadiga primaveril. Karrer e Reichstein estabelecem então a constituição química desta vitamina, e este último consegue a síntese da Casa La Roche, que é a primeira a fabricá-la.

A Suiça fornece da mesma forma uma grande contribuição para as investigações da vitamina E, chamada vitamina de fertilidade, pois a sua carência torna estéreis os animais, fêmeas e machos. Foi novamente o laureado do prémio Nobel, Karrer, que descobriu o método da determinação rápida, que isolou a substância, reconhece a sua constituição química e executa a síntese. E ele ainda que isola primeiramente a vitamina K, — essa que intervém na coagulação do sangue —, e estabelece também a sua constituição química.

A Casa La Roche descobre então outros produtos que, tendo a mesma acção que a vitamina K, apresentam a vantagem duma administração mais fácil.

Assim, na investigação de todas as vitaminas importantes, excepto na da vitamina D, antiraquítica, a Suiça forneceu um esforço fundamental e muitas vezes decisivo.

Este pequeno país tem contribuído, portanto, para o avanço da ciência internacional e para o Bem da Humanidade.

(Da «Rádio Nacional»)

Camiões

— Os seguros aumentaram de 10 a 100 %. Se tem dificuldade em pagar a anuidade, pode pagar em 12 prestações mensais.

Agente em Montijo, Francisco José da Silva - Telef. 026150.

LUZ QUE SE APAGA

(Continuação da 1.ª página)

a alumiar as existências mendigas de afectos e de pão.

E então gritou ao mundo o apelo da sua alma generosa. Quis erguer bem alto o edifício monumental de seus sonhos, onde pudesse abrigar todas as crianças vítimas da incompreensão e da maldade humanas. E se esse edifício não tem hoje a grandiosidade por que ele tanto ambicionara, deve-se, certamente, a outras razões que não as da sua vontade.

Ao ler agora o testamento desse homem, sentimos estar em presença de alguém que procurou sempre, através de tudo, alcançar a estrela do bem, não para satisfação pessoal, mas para a poder oferecer a todos aqueles, e muitos eram, que diàriamente o procuravam e lhe suplicavam um pouco de luz, de calor e de pão.

Tamanha bondade, espelhada em todo o testamento, revela a preocupação suprema de, após a sua morte, a sua obra não desaparecer, porque a extinguir-se seria como condenar tantos infelizes à mais cruel existência. E ela não pode perecer, não deve acabar.

São desse apóstolo estas palavras reveladas ainda no seu testamento: «A Obra da Rua» é o amparo da criança abandonada. Ela prefere os mais repelentes. Os mais difíceis. A Obra nasceu com este espírito e assim tem de continuar para ser, através dos tempos, uma palavra nova. Que ninguém jamais a deturpe. No dia em que por desgraça se viesse a receber a criança com dote por uma que não tem; se viesse a tomar a criança bem comportada por uma que não é — nesse dia entrava a maldição de Deus que fez a Obra. Era a sua decadência. O padrão da Obra é a família: vida familiar. Eis a escola natural da sólida formação do homem. Tudo quanto seja regresso a Nazaré é progresso social cristão. Não há sistemas. Não há regras. Não há estatuto. Há a intuição.»

Intuição e muito amor, acrescentaríamos nós, porque sem ele, de facto, não seria possível erguer semelhante obra.

As Casas do gaiato, símbolos da vontade dum homem, estão hoje de luto. Muitas lágrimas de saudade escorrerão pelas faces desses rapazes que a força do Destino leva a ficarem duplamente órfãos. Mas essas lágrimas serão como a corrente por onde deslizará a esperança de que a obra admirável do seu autor não será extinta e que o seu exemplo será seguido, para honra da memória do homem que soube defender a sorte dos desgraçados com a mesma coragem e a mesma ternura com que defenderia a vida dos seus próprios filhos!

Alvaro Pereira

Pecuária na Argentina

Gado Vacum — existência 42.279.026

A Nação argentina, na sua vasta extensão, dilatada àrea que vence os horizontes, contém todas as produções e oferece todas as riquezas. Dois elementos lhe serviram para crescer e prosperar, duas actividades consideradas por longos anos como propulsoras do seu progresso: a agricultura e a pecuária, às quais se deu ùltimamente o prodigioso impulso industrial que assegura e consolida a sua independência económica. Desde os tempos iniciais da conquista, quando se introduziram no País as primeiras cabeças de gado, este se estendeu e multiplicou a favor da fertilidade e riqueza dos campos argentinos. Com o correr dos anos, a mestiçagem racional e a criação de gado fino outorgaram ao produto argentino uma qualidade comparável com a melhor do Mundo. Essa excelência manifesta-se anualmente na Exposição Internacional de Pecuária, que se realiza nas instalações da Sociedade Rural, em Palermo, — certame de categoria nniversal.

Os exemplares ali exibidos, todos magníficos, honram a pecuária nacional.

O gado vacum argentino é constituído quase que totalmente pelas raças Shorthorn, Hereford e Aberdeen Angus.

L. B.

Pela IMPRENSA

— Com o N.º 718, de 15 de Julho passado, completou 25 anos de vida jornalística o nosso colega «O Jornal de Cambra», de que é Director Carlos Alberto da Costa e que se publica em Vale de Cambra.

As nossas felicitações pelas «Bodas de Prata» e os desejos do maior prolongamento dessa vida — são os votos de «A Província».

— Completou também seis anos de existência, o «Notícias de Chaves», dirigido por Soares Pinto, que em Chaves se publica.

Dirigimos-lhe os nossos parabéns pelo 6.º aniversário e auguramos-lhe prolongada vida de prosperidades.

— Em 25 do passado fez 30 anos o nosso prezado colega «O Sesimbrense», de que é actual Director e Editor Manuel dos Santos Leite.

Iguais cumprimentos e iguais augúrios.

Na Feira da Vida...

Canção da tua presença

Estive doente
Há poucos dias,
E alguém amigo teve dó
Das minhas horas vazias...
Que irreverente!
Pois se eu nunca estive só!
Tu estiveste, sempre presente,
Todos os dias...

Manuel Giraldes da Silva

Este número de «A Província» foi visado pela CENSURA

Vamos restaurar os Pelourinhos

Distrito de Setúbal

(Continuação da 1.ª página)

tugal muito deve a estas Comissões. Para vigia do nosso património artístico — — arqueológico, não podemos e não devemos deixar de citar a 2.ª Subsecção da 6.ª Secção da Junta Nacional de Educação que, em quase todos os concelhos, tem um seu delegado, sentinela alerta e vigilante, por tudo o que seja arte, história e arqueologia. São estas entidades forças de grande protencial que mais podem contribuir para a construção, divulgação e valorização de tudo quanto diga respeito ao nosso património artístico, histórico e arqueológico.

Estamos certos de que todas estas entidades se aperceberam já, há muito, do que valem, isto é, do seu valor e dos seus deveres ou obrigações.

Com elas, o nosso património artístico — arqueológico valorizar-se-á imensamente. Por isso nós esperamos que, junto das Câmaras municipais de todo o país, não existam sòmente *in nomine*, Comissões Municipais de arqueologia e de turismo, mas de facto *(in facto)*. São estes os nossos votos, e esperamos que no Distrito de Setúbal nos auxiliarão nesta empresa da restauração dos pelourinhos distritais de Setúbal, em tão boa hora concebida e sugerida pelo jornalista Luís Bonifácio. Auxiliemo-lo, pois, na certeza de que prestaremos, à história distrital sadina, um grande serviço.

Crónica Lisboeta

OS EXAMES

— Apesar da estação calmosa que atravessamos, há quem ande neste momento com arrepios de frio, tendo já encomendado bastantes abafos, principalmente confeccionados de peles de raposa, pois haverá fartura delas, infelizmente, nestes meses mais próximos.

Tudo isto vem a propósito da época de exames que está a decorrer e que, por mal dos pecados de muitos cábulas, lhes traz uma inevitável raposa, recompensa merecida da cabulice exercida durante a época escolar.

Se para o aluno esta época é pior do que a dos navegadores ao dobrarem o Cabo das Tormentas — também não o deixa de ser para os pais dos alunos, sempre as eternas vítimas da cabulice dos filhos. Quantas vezes os pais fazem enormes sacrifícios para educar os filhos, e estes ficam alheios a tudo isto? Todavia, se a estes maus filhos perguntarmos se conhecem as grandes vedetas do futebol nacional: Águas, Matateu, Travassos, e outros mais, responderão logo afirmativamente. Quem diz os jogadores de futebol, diz também os nomes mais conhecidos da constelação cinematográfica. Para isto sim, têm sabedoria. Para eles têm mais importância estas coisas fúteis, que o aproveitamento escolar que mais tarde lhes será sempre útil e necessário.

A estes maus filhos sòmente lhes poderemos dar este conselho: — Devem estudar, porque o ensino, como acentuamos acima, ser-lhes-á útil, e quanto às outras coisas de somenos importância, devem entreter-se com elas quando tiverem tempo livre para isso, porque lá diz o adágio: «Primeiro estão as obrigações, e depois estão as devoções», e neste caso os estudos estão primeiro, se um dia quiserem ser úteis à sociedade...

João Calazans

Organizações Progresso

Oiçam todas as 3.as feiras às 13 horas, através do Clube Radiofónico de Portugal o programa «REVISTA DESPORTIVA», uma produção de Fernando de Sousa, com o patrocínio deste jornal.

REVISTA DESPORTIVA

15 minutos em que fala do desporto e a favor do desporto. Produção associada de: Fernando de Sousa, Fernando de Lacerda e Veríssimo Alves. Brevemente novos programas e novas rubricas. Para a sua publicidade consulte

Organizações Progresso

Av. de Roma, 207, 3.º-Esq.º
LISBOA

A visita Presidencial a Moçambique

Parte no dia 2 de Agosto para Moçambique, o Sr. General Craveiro Lopes, Presidente da República.

Depois das visitas presidenciais a S. Tomé e Príncipe e a Angola, em 1954, e à Guiné e a Cabo Verde, em 1955, esta nova visita a terras do Ultramar constitui mais um elo na unidade nacional.

Nos termos constitucionais, o Governo, em Conselho de Ministros, e a Assembleia Nacional, na sessão do dia 18 passado, deram o seu assentimento à visita do Chefe do Estado a dois países estrangeiros, mas vizinhos e amigos: a União da África do Sul e a Federação da Rodésia e da Niassalândia, que visitará, respectivamente, a 3 e 4 de Setembro e a 15 e 16 de Agosto.

Espera-se que da realização daquelas visitas se tirem os melhores resultados para o estreitamento das relações e, de um modo geral, para a política dos respectivos países naquela parte de Africa.

O sr. General Craveiro Lopes visitará também Angola durante alguns dias, no regresso de Moçambique, passando ainda algumas horas em S. Tomé. O regresso a Lisboa está marcado para o dia 9 de Setembro.

SANFER, L.DA

SEDE — LISBOA, Rua de S. Julião, 41-1.º
ARMAZÉNS — MONTIJO, Rua da Bela Vista

AEROMOTOR SANFER o moinho que resistiu ao ciclone - FERROS para construções, ARAMES, ARCOS, etc.
CIMENTO PORTLAND, TRITURAÇÃO de alimentos para gados
RICINO BELGA para adubo de batata, cebola, etc.
CARRIS, VAGONETAS e todo o material para Caminho de Ferro
ARMAZÉNS DE RECOVAGEM

DESPORTOS

Alfredo Baptista Rodrigues

Valoroso Motociclista, 1.º da sua categoria na Volta a Portugal em Moto, entrevistado para «A Província»

Aínda não foi desta vez que o «lambretista» Alfredo Baptista Rodrigues conseguiu liquidar completamente o borrego. Apenas o matou e lhe tirou a pele. Mas impõe-se que se diga que o conseguiu à custa de um alto espírito desportivo, de uma força de vontade e de um estoicismo que bem poucos possuem.

Alfredo Baptista Rodrigues é para mim o maior e mais arrojado «scooterista» que existe em Portugal, muito embora outros haja de real valor e talvez até mais *cientificos* — passe o termo. Mas poucos ou nenhuns serão capazes de fazer com o «scooter» ou com as motos, tudo quanto ele consegue fazer com a sua máquina.

Se há, infelizmente, quem olhe o seu valor com certo desdém, essa atitude traduz mais despeito do que qualquer outra coisa. Baptista Rodrigues é um jovem cheio de possibilidades, simplesmente não tem sido feliz e não só ele. Outros valores reais existem que também não têm sido favorecidos pela sorte: Vasco da Câmara Pereira e Rui de Noronha.

A *trilogia do enguiço*, como ouso chamar-lhe, compõe-se de autênticos demónios que fazem tudo quanto querem das suas máquinas, mas não têm logrado obter os *absolutos*, embora contem alguns primeiros lugares obtidos em certas provas de insignificante categoria, daquelas que não servem para erguer o nome de qualquer motociclista.

Baptista Rodrigues foi o primeiro que conseguiu estar prestes a quebrar o enguiço e, dos três, o único que conseguiu aguentar-se na Volta a Portugal em Moto, até final, embora com excepcional força de vontade, pois 65 quilómetros do percurso — *cobertos numa hora!* — e a prova final de perícia, fê-los ele com os ossos da bacia rachados e o peito e as costas duramente atingidos. Simplesmente extraordinário!

Câmara Pereira foi vítima de acidente grave e Rui de Noronha viu a sua máquina impossibilitada de continuar na prova.

* * *

Fomos propositadamente ao Cartaxo, para inquirir do estado de saúde do valoroso Baptista Rodrigues e entrevistá-lo para «A Província».

Encontrámo-lo no leito, sob os cuidados carinhosos e amigos de sua Esposa a quem ouvimos, na noite da chegada a Belém, e enquanto o marido se apoiava nos ombros de dois amigos das lides desportivas, a recomendação:

— «Vê lá, tem cuidado. Não temo por ti (ela bem sabe quanto ele vale — e esta é uma admirável e comovedora confiança que deve ser apontada como exemplo), mas pela máquina, que pode não estar em condições».

E não estava, realmente. Baptista Rodrigues fez 65 quilómetros e a prova de perícia com o garfo da máquina empenado e o guiador todo torto, além das anormais condições físicas, das dores agudas que sentia! Quem seria capaz de igualar a proeza?

Baptista Rodrigues, sorri-nos, diz que depressa passará, que até já foi ao café de «Lambretta».

— Que tal a prova? Começámos.

— Boa. Sobretudo impecàvelmente organizada como, aliás, sempre acontece com as provas da secção do Sport Lisboa e Benfica, sem desprimor para ninguém, as melhores de todas quantas se realizam presentemente entre nós.

— Mas houve quem não ficasse satisfeito...

— Ilá sempre descontentes. No caso do Giordano não sei quem tem razão. Eu fui avisado de todas as alterações verificadas.

— Parece-nos que V., quando chegou a Lisboa, estava em vencedor absoluto. A prova de perícia foi boa, porque obteve apenas o 1.º lugar da sua categoria?

— Como sabe, andei sempre apoiado nos meus colegas de equipa porque não podia, como não posso ainda, pôr-me de pé. Quando cheguei ao fim da prova de pericia procurei aguentar-me em cima da máquina em «negativa»; mas como não podia estar mais tempo nessa posição, saí antes do comissário me ter feito o respectivo sinal. Deste modo perdi 50 pontos, o que me levou a ficar a 28 pontos de diferença do vencedor absoluto.

Foi pena que não tivesse havido para Baptista Rodrigues, que bem o merecia, maior atenção do comissário e maior consideração da organização, porque se deveria atentar bem no extraordinário esforço físico que dispendeu como verdadeiro desportista, para chegar ao final da prova, muito embora seja de louvar a atitude de querer colocar todos os concorrentes no mesmo pé de igualdade.

— Desistiram bastantes concorrentes. Houve, certamente, muitos obstáculos a vencer?

— Apanhámos cerrado nevoeiro e más estradas, cheias de buracos, no norte do país. Foi pena que devido a essas causas muitos daqueles que tinham grandes probabilidades fossem forçados a desistir. Rui de Noronha, por exemplo, ia à frente da classificação quando a sua máquina se espatifou, devido a queda.

Câmara Pereira era outro dos favoritos que foi forçado a desistir devido a acidente grave, o qual vai valer-lhe uma intervenção cirúrgica.

São coisas que podem acontecer a qualquer de nós.

Demos por terminada a entrevista. Visitámos ainda a sala de troféus de Baptista Rodrigues e admirámos o seu álbum de fotografias. Depois, despedimo-nos com os votos de rápidas melhoras e que em breve o possamos ver novamente nas competições desportivas, onde é já um elemento indispensável.

José dos Santos Marques

Alfredo Baptista Rodrigues no seu estilo habitual

Record Sensacional!

1 Milhão em circulação!

Atestando a preferência que todo o mundo dá à

VESPA

O PRIMEIRO SCOOTER DO MUNDO

Agentes Exclusivos:

MARPAL, L.DA

MONTIJO

ÚLTIMA HORA

Temos o prazer de comunicar aos nossos leitores, e em especial a todos os montijenses, que a Marcha Popular dos Pescadores de Montijo se desloca à capital no próximo dia 8 do corrente, onde vai exibir-se na Feira Popular.

Motivo de orgulho e de satisfação para todos nós, pois temos a certeza de que vai obter mais um êxito a juntar aos já obtidos nas anteriores exibições.

Os nossos cumprimentos e os desejos de que tudo corra como é de esperar, — para prestígio da Marcha e da nossa terra.

«A Província» — n.º 73 2/8/1956

Notariado Português

ANTÓNIO ESTEVES DE MATOS PROENÇA, Notário, com cartório no Edifício dos Paços do Concelho, da Vila e Concelho de São Brás de Alportel, comarca de Faro.

Certifico:

Que de folhas sessenta e sete a folhas sessenta e nove verso do livro para actos e contratos entre vivos, número cento e dois, das notas do ex-notário deste Cartório, Veríssimo Ribeiro Netto, e em data de onze de Julho de mil novecentos e vinte e oito, foi exarada, e está devidamente assinada, uma escritura outorgada entre João Guerreiro Afonso, casado, proprietário, morador no sítio do Cerro de Alportel, deste concelho, Eduardo Soares, casado, industrial, morador na vila de Aldeia Galega do Ribatejo e João Guerreiro Afonso Junior, casado, industrial, morador na dita vila de Aldeia Galega do Ribatejo, e que tem por objecto a constituição de uma sociedade por quotas de responsabilidade limitada, da qual ficaram sendo sócios os outorgantes acima mencionados, cuja sociedade será regida pelas cláusulas e condições constantes dos artigos seguintes:

PRIMEIRO — Esta sociedade para todos os seus actos e contratos adopta a firma Soares & Afonsos, Limitada, fica com a sua sede e o seu estabelecimento em Aldeia Galega do Ribatejo, e o seu objecto é o comércio de fabricação, preparação e venda de cortiças e seus derivados, e de qualquer outro ramo de comércio ou indústria que a sociedade resolva explorar, excepto o bancário.

SEGUNDO — A sua duração é por tempo indeterminado, contando-se o seu início desde hoje.

TERCEIRO — O capital social é a quantía de vinte e quatro mil escudos, em três quotas de oito mil escudos, cada uma, subscritas pelos três sócios em partes iguais, capital que se acha já realizado e deu entrada no cofre social.

QUARTO — A cessão de quotas a estranhos fica dependente do consentimento da sociedade, a qual poderá, querendo, amortizar a quota que se pretende alienar, pagando-a pelo valor do desembolso, acrescida da correspondente parte do fundo de reserva e dos lucros que se apurar pertencer-lhe, em balanço que então será dado nessa ocasião, devendo o respectivo pagamento ser efectuado no prazo mínimo de noventa dias.

QUINTO — É dispensada a autorização da sociedade para a divisão de quotas por herdeiros de sócios, devendo, enquanto a respectiva quota se achar indivisa, ser representados por um só deles, nomeado entre si.

SEXTO — A sociedade será representada em juízo e fora dele, activa e passivamente, por todos os sócios, os quais são nomeados gerentes, ficando a cargo do sócio Eduardo Soares a escrita e a cargo de todos a caixa, sem retribuição e sem caução.

Para que a sociedade fique obrigada basta a assinatura de um dos gerentes.

SÉTIMO — Em caso algum a firma será empregada em fianças, letras de favor, abonações e mais actos, contratos ou documentos estranhos aos negócios sociais.

OITAVO — Anualmente será dado um balanço que será fechado em trinta de Agosto, de cada ano, devendo estar encerrado e aprovado até trinta de Setembro seguinte, e os lucros líquidos que se apurarem, deduzida a percentagem legal para o fundo de reserva, serão divididos pelos sócios em partes iguais.

NONO — As assembleias gerais, a terem lugar, serão convocadas por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios com a antecedência mínima de oito dias.

DÉCIMO — Falecendo um dos sócios poderão os seus herdeiros continuar na sociedade, exercendo em comum os respectivos direitos, enquanto a quota se achar indivisa, salvo se a sociedade resolver amortizá-la, o que lhe fica permitido durante os trinta dias imediatamente seguintes ao óbito.

A amortização será feita por meio de pagamento da quota pelo valor do desembolso, acrescida da correspondente parte do fundo de reserva e dos ganhos relativos ao tempo decorrido desde o último balanço, apurado em balanço que então será dado.

DÉCIMO PRIMEIRO — Não querendo os herdeiros do sócio falecido continuar na sociedade, fica esta obrigada a amortizar a respectiva quota, pelo valor inicial dela, acrescida da correspondente parte do fundo de reserva e ganhos, tudo apurado nos termos do artigo anterior, efectuando o seu pagamento em quatro prestações trimestrais e iguais, vencendo-se a primeira noventa dias depois de recebida a respectiva comunicação dos herdeiros.

DÉCIMO SEGUNDO — Esta sociedade dissolve-se por deliberação de um dos sócios, devendo o sócio que pretender a dissolução da sociedade dar conhecimento desse facto aos outros sócios, com a antecedência de trinta dias pelo menos.

Dissolvida, porém, a sociedade proceder-se-há à liquidação e partilha, como se deliberar, salvo se algum sócio quiser ficar com o seu estabelecimento social, isto é, com todo o activo e passivo, caso em que lhe será feita a adjudicação pelo valor em que convierem.

Se todos os sócios pretenderem o estabelecimento haverá licitação entre eles e será preferido o que mais oferecer.

DÉCIMO TERCEIRO — Em todo o omisso regularão as disposições da lei de onze de Abril de mil novecentos e um, mais legislação aplicável e as deliberações tomadas em reunião de sócios.

Por ser verdade e me ser pedido, fiz passar o presente certificado, que assino.

São Brás de Alportel e Cartório Notarial, aos quatro de Julho de mil novecentos e cinquenta e seis.

Ressalvo as emendas: «le» — «indeterminado» — «dele» — «encerrado» — e as rasuras: «para actos» — «será» — «fica».

Notário

António Esteves de M. Proença

«A Província» — N.º 73 - 2/8/1956

Anúncio

Faz-se público que pelo Juízo de Direito desta comarca de Montijo e 3.ª secção, nos autos de execução sumária que José Alexandrino de Sousa, casado, comerciante, da Rua Miguel Bombarda, n.º 100, no Barreiro, move contra Henrique Alves, casado, aposentado da C. P., residente na Rua Dr. Manuel de Arriaga, n.º 15, da mesma vila do Barreiro, desta comarca, correm éditos de vinte dias a contar da segunda e última publicação deste anúncio, citando os crédores desconhecidos do executado, para no prazo de dez dias, findo o dos éditos, deduzirem os seus direitos na mesma execução.

Montijo, 21 de Julho de 1956.

Verifiquei:

O Juiz de Direito, subst.º

José Luís M. de A. Fernandes

O Chefe da 3.ª secção,

Alfredo Aug. Maria dos Reis

ORFANATO

Dr. César F. Ventura

Relação de dádivas a esta instituição:

Ex.ma Sr. D. Maria Antónia Marques Silva, 1.000$00; Firma Soares & Braço Forte, 1.000$00; António R. Tavares Jun.º, 6 (seis) sacos de batata; Ex.ma Sr.ª D. Cecília Lucas, Fruta; Ex.mo Sr. Comandante do Posto da Guarda Nacional Republicana, Fruta; José Baptista, 2 sacos com batata; José da Silva Leite, sal; José J. Pialgata Víctor, Fruta; António Mendes Bastos, 12 (doze) pares de alpergatas; Anónimo, 40$00; Carlos Dimas, 1 saco com batatas; Ex.mo Sr. Dr. Delegado do Ministério Público, Fruta; João Esteves de Oliveira, 2 sacos com batatas.

do Minho ao Guadiana

VIANA DO CASTELO

Saudação

Ao iniciar a correspondência desta linda cidade quero saudar todos os vianenses que se encontram em Montijo, terra onde há anos estive retido durante alguns dias dévido ao nevoeiro, retenção que serviu para selar mais apertadamente os laços de amizade que me unem ao Directer deste jornal.

Edifício dos Paços do Concelho

Está a ser restaurado este edificio nacional devendo ficar como foi primeiramente construido, isolado, com a escada de acesso voltada para nascente.

Banco de Portugal

Na Praça da República, no local onde esteve há anos instalado o Hotel Onofre, está a construir-se um novo edifício para este estabelecimento bancário que vai dar ao local uma maior grandiosidade.

E' de 3 andares com cave. As suas linhas são de grande efeito arquitectónico.

Romarias

Santa Marta de Portuzelo

Realiza-se nesta freguesia, sede do afamado Rancho de Lavradeiras de Santa Marta, nos dias 9, 10, 11, e 12 do próximo mês de Agosto, devendo este ano revestir-se de grande grandiosidade, visto no dia 11 ser levado a efeito o Festival Folclórico Internacional, onde o Rancho de Santa Marta, mais uma vez, deve triunfar, devido ao seu dedicado Director Dr. Sousa Gomes, que é a alma do Folclore Vianense. O Dr. Sousa Gomes, médico distintissimo, dedica todas as horas de descanso, ao Rancho. Se existisse em cada freguesia do concelho de Viana do Castelo, um Dr. Sousa Gomes, o Folclore Vianense tornar-se-ia um verdadeiro assombro.

O Dr. Sousa Gomes, além de ser o grande animador do Rancho de Santa Marta, é um médico distinto. Bondoso, que não desampara um só momento aqueles que necessitam dos seus cuidados clínicos. Não olha se o doente é pobre ou rico, visto atender a todos com a maior dedicação.

Devido ao seu esforço a Romaria de Santa Marta tornou-se conhecida, e por tal motivo Santa Marta é visitada por imensos forasteiros que partem sempre cheios de saudades.

Agonia

Realiza-se esta tradicional romaria nos dias 17, 18 e 19 do próximo mês de Agosto, devendo este ano ser levada a efeito com a maior pompa. Os fogos do ar e aquático estão entregues ao consagrado pirotécnico vianense Silva & Filhos. No dia 19 as festas deverão fechar com a já tradicional «chave de ouro» que é a serenata, dia em que haverá uma tourada onde trabalharão os melhores artistas portugueses.

Santa Lusia

A Câmara Municipal da Presidência do sr. Dr. José Araujo Gonçalo Novo, vai iniciar as obras de aformoseamento deste delumbrante miradouro, tendo recebido do Estado o subsídio de 1.175.000$00, obras que melhorarão muitissimo este atraente miradouro de onde se disfruta um panorama que extasia todos aqueles que o visitam. — (C.)

Casa de Móveis
DE
Luís Moreira da Silva
— Gerência de —
Francisco Campos

Apresenta um grande e variado sortido de Mobílias restauradas e uma grande diversidade de móveis avulso. — Compram-se e vendem-se móveis aos melhores preços.

Rua do Hospital, 16 — **Montijo**

ESTREMOZ

O Orfeão Tomás Alcaide prossegue na organização de Sessões Culturais.

Na noite de 19 do p. p. mês, realizou-se no Salão Nobre da Câmara Municipal, uma sessão cultural, sendo conferencista o Sr. Albino Lapa, que deu o título à sua conferência de *«O século dezassete e D. Maria Lara»*.

Presidiu à sessão o Sr. Dr. Sousa Costa, presidente da Câmara Municipal, apresentando o conferencista o distinto advogado, Dr. Rodrigues Pereira.

O Sr. Albino Lapa, apresentou um trabalho digno da maior atenção por parte da assistência, que enchia completamente o vasto salão, pois na sua essência tratou duma apreciada lição de história.

Classificou o século dezassete de uma época cheia de intrigas, mentiras e diversidades, dizendo que a poetisa D. Maria Lara era de um elevado valor e de altos sentimentos.

Uma das suas obras foi editada 10 vezes; mas apenas duas edições tinham a sua assinatura, pois as restantes eram assinadas por outras pessoas que se diziam autores da obra, — como foi descoberto pelas investigações feitas nos arquivos.

O conferencista recitou na sua exposição alguns versos de D. Maria Lara.

Ao terminar a sessão, o director do Orfeão, Sr. João Malaquias, agradeceu ao Sr. Albino Lapa o seu interessante trabalho, com palavras de repassado sentimento colectivo e ao Sr. Presidente da Câmara Municipal, a sua colaboração na campanha cultural organizada pelo Orfeão Tomás Alcaide. — (C.)

Aspectos sociais da indústria petrolífera

(*Continuação da página 8*)

tróleo exige uma alta percentagem de pessoal qualificado, e como nos países mais atrasados, a instrução pública é, em geral, extremamente reduzida, a própria indústria toma a seu cargo o estabelecimento e execução de complexos programas educacionais.

Desde a descoberta comercial do petróleo os serviços de assistência médica têm crescido em relevo, especialmento nas zonas equatoriais e tropicais, infestadas de doenças. Merecem especial atenção os resultados obtidos na luta contra a malária — numa das zonas de exploração foi possivel reduzir a percentagem de casos de 80/100 para 3/100; e nos arredores dos campos de petróleo eliminaram-se, quase totalmente, a cólera e a peste.

Os serviços médicos gratuitos não se limitam, porém, aos empregados na indústria e às respectivas famílias — estendem-se a todos que deles necessitam.

Uma só Companhia registou, num ano, mais de 1 1/2 milhão de consultas a doentes e cerca de 12.000 hospitalizados,

O total do custo de organização, montagem e execução de tais serviços, é extraordinàriamente elevado. Na Colombia 2 grupos petrolíferos dispenderam mais de 80.000 contos anuais na manutenção de serviços médicos e sanitários, e, na Venezuela, uma só Companhia dispende normalmente para o mesmo fim cerca 3% dos seus gastos totais.

Em serviços semelhantes, bem como na realização de programas educativos e de instrução, uma outra Companhia petrolífera gastou, num ano, cerca de 320.000 contos.

Naturalmente que as Companhias não procuram evidenciar qualquer altruismo especial, nem se apregoam autoras de abstratas filantropias ao realizarem estas iniciativas.

O que, porém, se verifica, é que as várias grandes Companhias petrolíferas se comportam com um profundo sentido da responsabilidade em relação aos países em que actuam e que demonstram o mais perfeito conhecimento e a maior consideração para com os valores humanos que empregam a seu serviço ou com quem entram em contacto.

Os dias em que o petróleo não era mais do que um negócio conduzido com métodos de enriquecer depressa, já, por felicidade, passaram.

Assim, é, num breve resumo, a Indústria do Petróleo depois de 100 anos de existência. Foram os 100 anos de maior e mais rápido progresso na história do homem — e uma grande parte desse progresso foi devido ao petróleo que, hoje, fornece mais de metade do total da energia consumida no Mundo.

José Teodósio da Silva
(Herdeira)

Fábrica fundada em 1900 (em edifício próprio)

Fábrica de Gasosas, Refrigerantes, Soda water, Licores, Xaropes, Junípero, Cremes de todas as qualidades, etc.

Fabricos pelos sistemas mais modernos.

Rua Formosa 8 — Telef. 026204 — 9
MONTIJO

Obras de Alvaro Valente

— «Eu», livro de sonetos, esgotado; «Daqui... fala Ribatejo», contos monográficos, 30 escudos; «Pedaços deste Ribatejo», folclore e costumes, 30 escudos; «A minha visita ao museu de S. Miguel de Ceide», folheto, 5 escudos; «Hino a Almada», em verso, 10 escudos; «Grades Eternas», estudos sociais, 15 escudos; «Vidas Trágicas», romance, 15 escudos; «Viagem de Maravilhas», reportagem, 20 escudos.

Pedidos à Redacção de «A Província».

N.º 17 — Folhetim de «A Província» — 2-8-956

Aldeia do Avesso

Por Alvaro Valente

E fora assim que, lentamente, através de muitas vicissitudes e dissabores, proporcionara à família a nova situação em que vivia. Mas custara-lhe muita energia dispendida, muita coragem e tenacidade; levara muito encontrão, *sopeteara* em silêncio muita afronta, muito cinismo, e por vezes desanimara na carreira e estivera prestes a baquear.

Ao passo que os senhores daquela empresa, — os três sócios...

Conhecera-os antes de sair, na piranga dos tais «cafés» e trapaças, no sistema de tapa-buracos, tira daqui para pôr ali, sem poiso certo nem escritório mas com papéis timbrados em parangonas, máquinas de escrever emprestadas e vários açambarcamentos.

Depois, na volta, viera encontrá-los de rópia e *pose*, cumprimentados por magnatas insignes e consultados pelos lagalhés principiantes a toda a hora, e soubera então que a guerra, a sorte, algumas barricas de tripa e lingotes de estranho e caixas de folha de Flandres e outras moralidades lhes tinham dado aquela importância.

Em breve os viu metidos em companhias e sociedades de chaço, de pança com milionários e bancos! Era de esperar!

O parente afastado, esse então, tinha ares de superioridade que irritavam e dignava-se, de tempos a tempos, enviar-lhe «um adeusinho» na ponta dos dedos.

Até que mais tarde surgiu o boato da grande fábrica a construir, de concepções modernas, cujos projectos pertenciam a esse parente.

Nos centros de envergadura era o assunto palpitante, comentado pela inveja dos que procuravam mais aventuras que aumentassem num sopro os princípios auspiciosos.

E um dia, de surpresa, o engenheiro é chamado ao escritório da empresa para lhe entregarem a direcção técnica da grandiosa iniciativa.

Ele hesitara de entrada. Certos pruridos impeticantes, o receio de não lhe receberem bem os processos de dirigir, as suas ideias acerca do Trabalho e do seu excepcional valor, — aquela educação adquirida lá fora ao contacto das coisas práticas e das realidades da vida, — tudo lhe trazia apreensões.

Por fim, aceitou. Precisava de se evidenciar ainda mais e a ocasião era oportuna.

Impôs condições e directrizes, traçou os planos e modificou os projectos, e cheio de coragem lançou-se à tarefa decidamente.

Agora surgira o primeiro desentendimento. Ele, porém, tinha a certeza de que já era tarde para lhe dispensarem a colaboração, para o pôrem à margem sem preocupacões, e por isso estava resolvido a continuar pela estrada que delineara, sem desvios nem quebras de dignidade.

* * *

E as obras iam num virote!

As paredes cresciam sempre, a olhos vistos; os cunhais erguiam-se majestosamente e as torsas já sobressaiam; e os casarões já se davam ares senhoris, de amplas portadas e largas janelas.

Em breve estariam nos frechais.

A conversa de agora era toda nesse sentido:

— Estamos aqui, estamos na «fileira». Sempre quero ver se o caso passa sem mais aquelas...

— É mais que certo, pois. No tempo da Maria Castanha é que o «pau de fileira» dava que falar. Hoje, os patrões estão-se ninando...

— Talvez não, amigalhaço. Que dianho custa uns taleigos de batatas, umas sardinhas sevelhas e alguns «canecos»?

— Isso, nentes! 'Maginas que isto é alguma «cascada»? Se pensas o contrário, ficas quilhado...

— Vamos a ver... Vamos a ver...

— Qual o quê? Vá lá dois foguetes, e vá com sorte. Quanto ao mais... «assobia-lhe às botas».

(CONTINUA)

PANORÂMICA

Com a colaboração dos
Serviços Culturais da Shell Portugusa

AUMENTO DE VENDAS

Regista o Relatório de 1955 do Grupo Royal Dutch/Shell

A indústria do petróleo, que é hoje a principal fonte de energia do Mundo, tem forçosamente de se expandir num ritmo incessante, pois que a Humanidade necessita vitalmente e em escala sempre crescente de produtos petrolíferos.

Os derivados do petróleo são universalmente procurados. Não há país do globo que possa dispensá-los e poucos se acham em posição de auto-suficiência.

Vista aérea das instalações da Shell Portuguesa em frente de Belém, Lisboa

As grandes reservas petrolíferas de que o mundo depende encontram-se, principalmente, em zonas afastadas dos centros populacionais e industriais, sendo portanto indispensável garantir aos povos que o abastecimento de produtos petrolíferos não terá interrupção. Para isso, é também necessário que as organizações que constituem a indústria do petróleo estejam convenientemente apetrechadas para a missão que lhes cabe — produzir, refinar, transportar e distribuir os seus produtos nas quantidades e nas qualidades que lhes forem exigidas.

De acordo com este são critério, conseguiu-se nos últimos dez anos nítidos progressos na aplicação dos recursos mundiais do petróleo.

A produção da Venezuela mais do que duplicou, ao passo que o Médio-Oriente firmou a sua posição como a maior fonte abastecedora fora dos Estados Unidos.

Essas importantes regiões e outras de onde se extrai petróleo, como seja a Indonésia e o Borneo Britânico, têm beneficiado extraordinàriamente de tal actividade. Os impostos pagos pela indústria do petróleo e pelos consumidores de produtos petrolíferos e ainda o pagamento de vencimentos e salários aos que se empregam nas actividades das companhias petrolíferas contribuem fortemente para a formação de rendas públicas e privadas, para o desenvolvimento da agricultura, das comunicações e das indústrias locais e, de uma maneira geral, para o progresso económico dos povos.

A produção de petróleo no Mundo (exceptuando a Russia e o bloco soviético) foi em 1955 de 715 milhões de toneladas, mais 72 milhões de toneladas do que no ano anterior. Daquele total, só o Grupo Royal Dutch/Shell participou com 98 milhões de toneladas, em 1955, em comparação com 90 em 1954, ou seja cerca de 9% mais. Por sua vez, o valor das vendas do Grupo, em 1955, aumentou 10% sobre o do ano anterior, ultrapassando, juntamente com outras receitas, 2.000 milhões de libras, o que acontece pela primeira vez na história do Grupo Royal Dutch Shell.

Esse aumento foi devido, sobretudo, a uma maior procura, em todo o globo, de produtos petrolíferos. A procura de óleos combustíveis foi particularmente forte e reflecte o crescente uso deste produto como fonte de energia, especialmente na Europa Ocidental, onde as prementes necessidades resultantes de uma mais intensa actividade industrial não podem ser completamente satisfeitas pelo aumento de produção de carvão e outros materiais.

Também as vendas de produtos químicos que, anualmente, desempenham um papel cada vez mais significativo nas actividades do Grupo, à medida que a petroquímica se expande, aumentaram em 1955 em mais de um terço no valor.

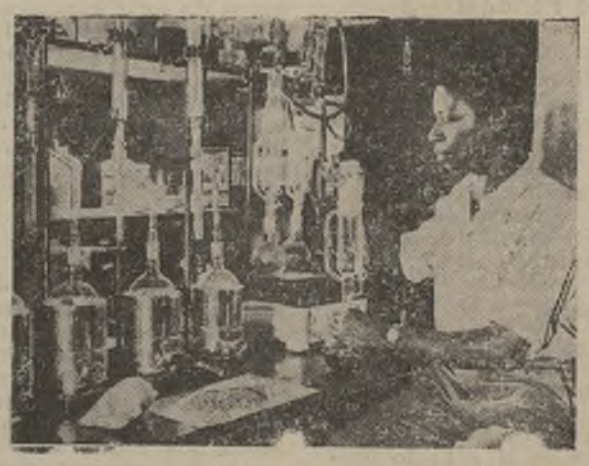
Repare-se, no entanto, que tão promissores resultados não foram integralmente transferidos para os accionistas, porquanto os grandes investimentos requeridos pela indústria do petróleo — especialmente no aspecto de prospecção em que o risco do insucesso é grande — impuseram a retenção de enormes quantias. Assim o total dos investimentos do Grupo Royal Dutch/Shell, nos últimos cinco anos, elevam-se a mais de 1.000 milhões de libras, que foram retiradas dos lucros.

Os impostos e taxas absorveram mais de um terço da receita apurada do Grupo em 1955 e aplicaram-se vastas somas na investigação científica, em obras de interesse para o pessoal e para as comunidades onde a actividade do Grupo Royal Dutch/Shell se exerce mais directamente. Ainda é de notar que dos 160 milhões de libras do lucro líquido, apenas 33, 4 milhões de libras foram distribuídos pelos accionistas daquelas companhias, ficando a diferença retida para investimentos.

Conclui-se, portanto, que uma das características fundamentais da indústria do petróleo é o seu dinamismo no campo financeiro. Constantemente solicitada, pela incontrolável marcha do progresso, a produzir mais e melhor, os seus lucros não se refugiam na segurança dos bancos nem a sua distribuição é orientada pelo convencionalismo próprio do comum das empresas. Pode-se afirmar, sem exagero, que no Grupo Royal Dutch/Shell como, aliás, nas demais organizações da especialidade, o investimento atinge velocidade proporcional à das receitas que dele resultam. E é este, sem dúvida, um aspecto relevante e meritório da indústria do petróleo.

O Petróleo e a Medicina

É muito provável que pouca gente seja susceptível de identificar os produtos dos armários-farmácias, existentes em todas as casas de banho, com o petróleo e seus derivados. No entanto, é facto incontestável que os estudos e pesquisas efectuados nos laboratórios das grandes empresas petrolíferas têm prestado largo auxílio à Farmácia e à Medicina, colocando à disposisão de uma e outra vários produtos que vão desde o simples desinfectante — até ao anestésico de alta eficiência utilizado em operações cirúrgicas. Podem citar-se a vaselina com que se fazem os unguentos e as pomadas, e a vaselina e a parafina líquidas, que entram na composição de produtos para nebulizações nasais, além de toda uma série de álcoois que se usam em medicamentos para fricções e desinfectantes.



Examinando, num laboratório da Shell, amostras colhidas durante perfurações realizadas em África

É curioso notar que o emprego do petróleo bruto como medicamento, é conhecido há pelo menos 6.000 anos. Os egípcios, por exemplo, usavam-no para fazer estancar o sangue, e até contra a lepra, as úlceras e a dor de dentes. Na América do Norte, os soldados de Washington aprenderam com os índios a tratar dos males dos pés banhando-os em petróleo. E, ainda há relativamente pouco tempo, por volta de 1850, Samuel Kier, natural da Pensilvânia e mais tarde o pioneiro da refinação de Petróleo na América, servia-se da sua eloquência de charlatão de feira para impingir o seu «óleo de rocha», que assim era então conhecido o petróleo bruto, como panaceia infalível em paralisias, cegueira, gota, nevralgias, reumatismo e lesões diversas.

Ainda que nos cause admiração, o que é facto é que o uso que hoje a medicina faz dos produtos químicos de origem petrolífera tende a confirmar algumas dessas antigas ideias sobre o valor terapêutico do petróleo: assim, o cloreto de alilo tem propriedades anti-hemorrágicas; a mianésia, um bálsamo muscular à base do petróleo, dá resultados surpreendentes quando aplicada contra os efeitos paralisantes da poliomielite, «paralisia infantil», da congestão cerebral e de outras doenças, e está sendo actualmente empregada com êxito no tratamento de certos casos de perturbações mentais para os quais até hoje não se esperava encontrar qualquer medicamento eficaz entre as drogas conhecidas; uma outra droga há ainda para o tratamento do alcoolismo; criou-se também um novo plástico, à base do petróleo, que tem larga utilização em cirurgia plástica e cirurgia interna para fins de reconstituição, dele se afirmando que oferece nítidas vantagens em relação aos ossos e cartilagens humanas; há um derivado petrolífero que serve como dissolvente para numerosos produtos, tais como a vitamina D e as sulfamidas; e até uma vitamina, a vitamina E, se pode preparar a partir de um outro derivado do petróleo.

O edifício da Shell Nederland, em Haia, constituiu um dos temas da emissão de selos que o governo holandês dedicou à arquitectura moderna na Holanda

Aspectos sociais da indústria petrolífera

Pensava-se a princípio — e talvez ainda hoje se pense — que o «negócio do petróleo» era uma desapiedada exploração, realizada sem a menor preocupação do futuro, ou sem que se tivessem em conta as consequências sociais e económicas que pudesse acarretar.

Fosse ou não assim, a verdade é que, nos nossos dias, tudo leva a crer que esse juízo está muito longe da realidade.

A indústria do petróleo, — hoje uma das maiores indústrias mundiais — apresenta-se perfeitamente consciente das responsabilidades que lhe cabem relativamente aos países onde o petróleo é produzido, refinado ou vendido. Além destas responsabilidades, há certas consequências que importa considerar, como sejam, o relevante papel desempenhado pela indústria como consumidora, como criadora de novas indústrias secundárias, como promotora do rápido desenvolvimento de muitos países jovens.

De facto, acontece frequentemente que as fontes de abastecimento se situam em países social e econòmicamente pouco desenvolvidos — nas montanhas e desertos do Médio Oriente; nas selvas da Nova Guiné ou nos matos e pântanos da América Central. Em tais zonas, antes que possa iniciar-se uma produção útil, é necessário criar serviços essenciais e, assim, as companhias petrolíferas têm de tomar iniciativas e levar a cabo trabalhos que são normalmente das atribuições do governo ou das autoridades locais. É necessário construir portos, vias férreas, aeródromos, centenas de quilómetros de estradas — e, tantas vezes, nas mais difíceis circunstâncias; tantas vezes os próprios materiais de construção, a própria pedra, têm de ser importados.

Além do trabalho indispensável no ponto de vista industrial, realizam-se vastos programas tendentes a tornar satisfatórias as condições de vida do pessoal que labuta nessas regiões. Os projectos e iniciativas, contudo, não afectam apenas a indústria e o respectivo pessoal — trazem, quase sempre, vantagens substanciais para as populações nativas.

É princípio geral nas grandes companhias petrolíferas — muitas vezes reforçado pela legislação local — o de utilizar os serviços do maior número possível de naturais. Isto significa, em grande parte dos casos, não sòmente proporcionar emprego, mas condições de vida satisfatórias segundo o nível médio de cada país.

Além disso, a indústria do pe-

(Continua na página 7)